

MEMÓRIA E HISTÓRIA: SABERES POR MEIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Ana Maria Souza Felipe

Especialista e professora de História da rede municipal de Goiânia.

Ana Paula Damasceno Siqueira

Especialista e professora de História da rede estadual e municipal de Goiânia.

Resumo: Pensando na escola como um espaço dinâmico onde vários projetos são realizados e pouco tem-se feito o registro dos seus resultados, esse texto aborda os desafios de expor algumas dessas atividades pedagógicas que abarcam o ensino de História. Tais atividades visam possibilitar aos alunos a percepção de que o patrimônio cultural faz parte de sua própria história, registrando e resgatando nos lugares de memória elementos que os identifiquem culturalmente a um grupo social e ao lugar onde vivem. A metodologia utilizada se deu através da visita à museus, observações de construções históricas, contato com objetos, dança, costumes, relato oral, estudos em sala de aula, pesquisas. Diante desses elementos materiais e imateriais do patrimônio histórico foram realizadas as etapas da observação e registro até a exposição desses trabalhos em um evento que envolveu toda a comunidade escolar. A primeira parte desse trabalho tem como objetivo fazer uma breve discussão entre história e memória, afim de conceituar os lugares de memória e sua relação direta com a educação patrimonial, apontando a disciplina de História como responsável por desenvolver práticas desse tipo de educação. A segunda parte são relatos sobre um lugar de memória: visita à cidade histórica de Goiás e as atividades desenvolvidas privilegiando as temáticas da cultura afro-brasileira relacionadas ao patrimônio histórico e cultural. A última parte destaca a Mostra Cultural: a experiência da construção de um museu no espaço escolar e um teatro sobre a beleza afro-brasileira.

Palavras-chave: memória, história local, práticas pedagógicas, patrimônio.

1. Memória e História: lugares de memória.

O intuito desse trabalho é de demonstrar as experiências pedagógicas relacionadas ao ensino de História do 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental vivenciadas em uma unidade escolar da rede municipal de Goiânia situada na Vila Pedroso¹, bairro da região leste da capital que teve a culminância numa Mostra Cultural. Momento pensado pelo coletivo (professores, alunos e funcionários) para a exposição e apresentação de trabalhos e projetos realizados pelos alunos nas diferentes áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes, Inglês, Educação Física), incluindo apresentações culturais e artísticas como dança e teatro.

A participação da disciplina de História na Mostra teve como temática "Histórias e Memórias", a ideia era de construir um "lugar de memória" no espaço escolar com objetos trazidos pela comunidade. A finalidade sempre foi desde o planejamento da atividade, além da reconstrução do espaço de memória, expor os trabalhos e projetos executados com os alunos durante o ano letivo referentes à

¹ Escola Municipal Madre Francisca.

temáticas que envolveram a visita à Cidade histórica de Goiás e a Cultura afro-brasileira.

Ao se propor o estudo de patrimônio histórico e cultural é inevitável a sua relação com os chamados "lugares de memória". Mas o que são esses lugares? De onde vem esse conceito? Pierre Nora vem contribuir teoricamente ao problematizar esses lugares de memória. Isso porque ao relacionar a noção desses lugares ao desejo de retorno aos ritos que identifiquem e diferenciem os segmentos sociais: museus, arquivos, festas, artesanato, monumentos e outras manifestações, essa dinâmica nos impele a repensar didaticamente o local ou um contexto maior num sentimento de identidade.

Então, buscamos unir a prática pedagógica à problematização do conceito em que a partir das fronteiras entre a memória e história esses lugares de memória são identificados. Segundo NORA (1993),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos-os-lugares de memórias. (p. 13)

Criar e preservar os lugares de memória, conceito utilizado pelo historiador francês Pierre NORA (1993), é uma forma de resistência ao buscar manter a memória coletiva de momentos históricos de determinados grupos sociais ao longo do tempo.

O fim da história-memória multiplicou as memórias particulares que reclamam sua própria história. [...] nossa sociedade, certamente arrancada de sua memória pela amplitude de suas mudanças, mas ainda obcecada por se compreender historicamente. (p. 20 e 21).

Se os lugares de memória existem para nos lembrar de que a memória viva, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, realizada por grupos de pessoas que ainda vivem como bem expõe HALBWACHS (2004), não existe mais, pedagogicamente através do ensino de história a participação dos alunos na construção e interação com esses lugares de memória - seja local ou de maior abrangência, torna-se uma oportunidade "a uma coesão interior, obrigando-os a relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade". (NORA, 1993, p. 18). Diria não

relembrar porque essa memória não é individualmente nossa, mas a reencontrar sim, o pertencimento a um grupo social em uma dinâmica de se compreender historicamente.

2. Entre a memória e a história: identidade através do patrimônio histórico e cultural.

a) O projeto: Visita a Cidade de Goiás.

Finalmente chegou o dia tão esperado por nós, logo de manhã já estávamos todos rindo, por causa do professor Hugo que não estava conseguindo tirar uma simples foto. [...] Lá chegando, fomos ao museu estudar um pouco mais sobre Goiás, escutamos como se formou a cidade, um pouco sobre Cora Coralina, vimos algumas porcelanas da antiguidade e etc. Quando saímos de lá a professora Ana Paula contou como a cidade se tornou um patrimônio histórico, todas as casas que estão lá também são.

(Rafael M. dos Santos, aluno do 8º ano, turma H3).

Conhecer o Palácio Conde dos Arcos, onde hoje há um museu, mas que foi construído para acomodar os governadores [até a transferência da capital para Goiânia]. A casa é linda, objetos que tem anos e anos e continuam intactos.

(Mikaele da Silva Freitas, aluna do 9º ano, turma I1)

O que mais gostei foi das ruas de pedra. As praças. As casas. A igreja. A mais top foi a casa do Governador. Eu gostei da comida, gostei de tudo.

(Diogo Santos Paixão, aluno do 8º ano, turma H3).

Com essa viagem eu [visitei] uma cidade que ainda não conhecia. Conhecemos a história dos governadores de lá, o museu de moedas e notas antigas. Lá é muito quente e falaram que não estava em época de calor, imagina se tivesse."

(Daniel Sousa Queiroz, 9º ano, turma I3).

Foi bom saber um pouco da cultura das pessoas do passado, como eles viviam, os escravos.

(Rhomio Henrique Gomes, aluno do 8º ano, H2).

O projeto surgiu como proposta de um trabalho de campo, após os estudos sobre as Bandeiras e a Sociedade Mineradora. Durante as aulas, os alunos desejaram conhecer um pouco mais do início da história do estado sobre os brancos colonizadores, os indígenas e os negros durante o processo de urbanização do centro-oeste no século XVIII, pedindo para visitarmos à Cidade de Goiás. A partir daí nascia um projeto interdisciplinar com as disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa.

O projeto visava analisar os aspectos históricos e geográficos da região. Em história as heranças do nosso passado colonial observando a estética presente na arquitetura e no acervo cultural da cidade, além da gastronomia típica da cultura goiana. Em geografia o foco foi fazer com que os alunos identificassem as características específicas de região formada por cerrados e serras. Em Língua Portuguesa, foi

estimular a coleta de dado através de pesquisas fazendo a interpretação das ideias principais das informações coletadas, além de elaborar um relatório sobre a cidade história visitada.

A saída foi de frente a escola e em Goiás o roteiro da visita é iniciado com a chegada às margens do Rio Vermelho onde foi encontrado o ouro, da Casa de Cora Coralina, da cruz do "Anhanguera" que marca o lugar de posse e a descoberta aurífera do bandeirante, conforme as figuras 1 e 2. Nesse momento o professor de geografia pede para os alunos observarem como a região é formada destacando as serras, o cerrado, a urbanização a partir do rio e o clima da região.

Figura 1 - foto do local de saída.



Fonte: das próprio autor.

Figura 2 - foto da chegada à cidade.



Fonte: do próprio autor.

O passeio pela cidade é então iniciado: as ruas, praças, igrejas nada passa despercebido com o objetivo de visualizar a arquitetura e as pessoas que fizeram parte dessa sociedade colonial: dominantes e dominados. A visita em dois museus: O Palácio Conde dos Arcos, antiga sede dos governadores de Goiás antes da transferência da capital e a Câmara de Casa e Cadeia, que abriga o museu das Bandeiras e seus acervos que incluem também objetos da cultura material dos indígenas que habitavam as terras goianas.

Figura 3 - foto observação da cidade.



Fonte: do próprio autor.

Figura 4 - fotos no Palácio Conde dos Arcos.



Fonte: do próprio autor.

Após a visita, fizemos uma roda de conversa em sala de aula e eles descreveram o que aprenderam e o que mais gostaram da visita à Cidade de Goiás, avaliando dois momentos: o primeiro na cidade de Goiás e outro no Balneário Santo Antônio, um espaço de ecoturismo próximo à cidade onde ficamos na parte da tarde e almoçamos.

Ao considerar que a aprendizagem também acontece fora do ambiente escolar, o objetivo foi fazer o aluno reconhecer nas marcas do passado as fontes históricas não escritas ali presentes, levando-os a observar a herança colonial mineradora presente na Cidade de Goiás. Cidade que carrega o título de *Berço da Cultura Goiana*, e hoje é considerada patrimônio histórico da humanidade título que lhe foi outorgado pela UNESCO, em 2001. Os alunos com essa atividade puderam ter contato com um patrimônio considerado mundial, mas antes de tudo com o lugar de memória da história do seu estado, da sua região e do seu lugar no presente.

b) África-Brasil.

O estudo da África faz parte do programa curricular do Ensino Fundamental e é um assunto abordado em sala de aula. Com as turmas de 7º ano os alunos estudam a África e a cultura dos principais povos africanos antes da chegada dos europeus. No 8º ano o contraponto é a contribuição da cultura africana no Brasil na formação da cultura nacional, nos aspectos da música/dança; vocabulário; religião; moda/penteado; culinária.

Em todo o processo de estudo, os alunos fizeram pesquisas sobre os aspectos da cultura afro-brasileira e apresentaram suas conclusões. Após uma discussão em sala sobre assunto, foi veiculado um documentário "*História e Cultura afro-brasileira*"²,

² História e Cultura Afro-brasileira. SBJ produções. vol 2. 2007.

depois de visto foi feita uma discussão com os alunos. O objetivo foi fazer com que eles conhecessem o quanto da África tem na cultura brasileira, o quando de nós somos África, além de contribuir para a percepção dos preconceitos com relação à cultura africana e o racismo ainda latente na sociedade brasileira.

Após terem visto o vídeo fizemos uma roda de conversa e alguns alunos apresentaram oralmente os aspectos que consideraram mais interessante. Ficaram entusiasmados com a culinária, alguns pratos citados no documentário eles conheciam mas não sabiam que eram de origem africana. As danças folclóricas. Outro ponto de destaque do estudo foi o vocabulário, conhecer palavras de origem africana foi algo revelador já que muitas palavras são ditas no cotidiano sem saber que não são originalmente da língua portuguesa.

A religião sempre foi um *tabu*, porque é cultural (iniciado com a Igreja Católica e reforçado posteriormente pelas igrejas neopentecostais) romper com uma visão preconceituosa é desafiador. Mas alguns alunos ao estudarem o candomblé, puderam conhecer um pouco da crença religiosa e até expuseram oralmente ou em atividades escritas, que foi interessante conhecer as divindades da religião afro, conseguindo ultrapassar a barreira do preconceito e entender a importância do culto religioso para os seus praticantes e que faz parte da cultura imaterial afro-brasileira.

3. A Mostra Cultural: experiências pedagógicas.

a) O museu na escola - resgate da identidade da comunidade escolar e do lugar onde vivem

Se tivemos a oportunidade de sair com os alunos para visitar um lugar de memória do estado, com a Mostra Cultural a ideia era construir um museu na própria escola e com isso fazer um estudo sobre o nosso patrimônio histórico-cultural. Foi uma atividade em parceria pedagógica com a disciplina de Língua portuguesa.

Os objetivos a serem alcançados da atividade pedagógica seriam explorar com os alunos a diversidade de fontes; a visita à lugares de memória; observações de diferentes modos de viver (culinária, canções, linguajares, artesanatos, móveis, etc.), que deveriam ser relacionando a história individual com a história do grupo. Além de entender como os lugares de memória são construídos historicamente a partir dos conceitos de memória e história.

Na primeira aula do ano letivo começamos com a discussão sobre o conceito de história e o trabalho do historiador. “O que é a história? Para que serve a História?

Como estudar a História”? Propomos o estudo das diferentes histórias de pessoas e de lugares começando com as nossas histórias de vida pessoal.

A segunda aula no quadro giz recebeu o título: "*A história de vida da professora Ana Maria e as fontes históricas*", relatando a história e marcando alguns fatos numa linha do tempo. A ideia era ressaltar alguns aspectos que poderiam aproximar a história da professora da realidade dos alunos, para isso foram levados fotografias e filmagens, desde as mais antigas (casamento dos pais, em preto e branco, e em um monóculo), a outras não tão antigas mas já obsoletas, (registro do casamento em máquina fotográfica analógica e a filmagem em fita VHS) e as mais recentes fotografias digitais do nascimento dos filhos caçulas.

Então surgiram varias intervenções dos alunos, muitos curiosos com essas tecnologias já saturadas e outros dizendo que tinham em casa tais fotografias e ou objetos, como câmeras fotográficas antigas. Nesse momento combinamos que eles iriam montar um museu com todos esses objetos na Mostra Pedagógica de nossa escola.

No outro dia vários alunos trouxeram pequenas coisas (notas de dinheiro antigo, câmeras fotográficas, lamparinas). Foi ótimo, pois visualizamos e retomamos o conceito de fontes e documentos históricos e de patrimônio histórico cultural. Programamos de produzir uma autobiografia. Surgiram os questionamentos “Professora eu não sei sobre a história de quando eu nasci”... “Como vou pesquisar”?... “Vale perguntar pra minha mãe”?

Então voltamos a falar das fontes históricas, enumeramos e listamos ressaltando a importância das fontes orais e também do patrimônio imaterial (festas, comidas e religiosidade). Sugerimos que em casa eles conversassem e perguntassem aos pais e ou avós sobre suas histórias de vida, o que mudou da época da infância deles para a hoje. A autobiografia foi escrita em sala de aula e houve algumas dificuldades e resistências de alguns alunos que não queriam expor suas tristes histórias, outros alunos por falta de domínio dos padrões da língua escrita.

No mês de agosto voltamos a discutir sobre o assunto, dessa vez em um projeto interdisciplinar com a disciplina de língua portuguesa. Os alunos participaram das Olimpíadas de Língua portuguesa, no Programa Escrevendo o Futuro produzindo um texto de memórias do lugar onde moram. A professora de língua portuguesa trouxe o filho dono da fazenda que foi loteada e que deu origem à Vila Pedroso, onde está localizada a Escola Madre Francisca e mora grande parte dos alunos. Os alunos e professores se encantaram com as histórias e relatos.

Os alunos produziram então os textos de memórias sobre o lugar onde moram. Nessa atividade tivemos vários desafios. Pois por ser um texto de gênero literário, seria permitido que o aluno usasse a imaginação escrevendo como o autor narrador, imaginando que era uma pessoa bem mais velha e deveria produzir um relato a partir da memória oral do dono da fazenda. O resultado desse trabalho poderá ser visualizado a seguir através dos textos de duas alunas.

No ano de 1942, com muito pesar, a família Pedroso teve que sair do Mato Grosso e vir morar na Cidade de Goiás. Família Pedroso, uma família bem nobre e humilde, composta por doze irmãos. Tiveram que vir toda a família, chegaram em um lugar deserto, onde havia apenas mato e terra. Não tinha nenhum comércio ou hospital ali por perto. Se tivesse doente, ou precisando de algo em algum hospital, teria que ir “de a pé” até o Jardim Novo Mundo, pois meio de transporte não havia ali. Aquela família, com o pouco dinheiro que tinha, tentaram fazer alguns lotes naquele local, para que pelo menos fosse um lugar conhecido pelo povo. Até que foi, poucas pessoas foram morar lá, com muita vergonha e desprezo pelo lugar, eles mal diziam onde moravam, pelo simples fato de terem completamente vergonha daquilo ali. A família tomou mesmo posse daquele lugar, quase fazendo um bom lugar de se apresentar. Com o passar do tempo, só fez aumentar, estava ficando apresentável aquele lugar, pessoas iam até lá procurando lar para morar. Claro, aquilo ainda não estava 100%, os automóveis ali só passavam três vezes ao dia, dificultando o transporte dos moradores, as famílias ainda estavam magoadas por terem deixado a cidade deles para trás. Mas nos dias de hoje, tudo só fez melhorar, o lugar foi ficando bonito com mais lotes para morar, temos hospitais, escolas e creches, tudo aquilo que não tinha antigamente. Hoje, nosso lugar tem até nome, Vila Pedroso, não é mais motivo de vergonha para o povo.

(Samara Francisco, 8º ano, Turma H2).

Eu me chamo Arcino José Pedroso! Eu e minha família nascemos em Minas Gerais, no total éramos doze irmãos. A fazenda em que morávamos estava se tornando improdutiva, não era fértil, por isso resolvemos deixar nossa querida terrinha e vir para o interior de Goiás (isso foi no ano de 1942), e meu pai comprou uma fazenda por 150 contos de réis a vista, do senador Teotônio Canedo. Deixar a terra natal não foi fácil, não conseguimos conter as lágrimas, a dor da separação, de deixar para trás os familiares, os amigos e o que havíamos construído. Trazer essa quantia de dinheiro foi outro grande desafio, na verdade uma aventura. Todo o dinheiro foi colocado em sacos, e até nos disfarçamos de mendigos para não sermos roubados. A viagem de trem, a Maria fumaça, deixava as roupas com fuligem, além de cansativa, o apito do trem juntava-se a nossa tristeza e dor de deixar para trás a nossa vida, nosso chão, amigos e familiares. A nossa fazenda em Goiás era uma terra fértil. Mas, tivemos que trabalhar duro de sol a sol para ganhar o sustento. Eu e meus onze irmãos recebemos cada um, um quinhão (uma porção de terras, dividida em partes iguais entre os irmãos). Quando aqui chegamos a região pós Meia Ponte (nome do rio), região leste da cidade de Goiânia. Era pouco povoado, pois era longe de tudo, era um local de difícil acesso e também era um lugar perigoso onde quase todo o dia acontecia um assassinato. Hoje fica a menos de dez quilômetros do centro da cidade e já são mais de trinta bairros conhecidos como região pós Meia Ponte. Meu pai com uma visão futurista loteou quinze alqueires da terra, formando mil cento e setenta e sete lotes, divididos e as quadras e ruas foram abertas, mas morador que era bom não havia, a procura era pequena e se justificava, pois o

loteamento ficava em meio a uma mata. Nós fizemos várias doações para o desenvolvimento da Vila Pedrosa, doamos áreas para construção de escolas, creches, igrejas e praças. E hoje com 85 oitenta e cinco anos de idade, sou o único herdeiro da família José Pedrosa, que resido neste bairro e estou contente e feliz pelo quinhão que recebi e pretendo acabar meus dias por aqui.

(Isabel Cristina Freire Ribeiro, 8º ano, H3).

b) Exposição dos trabalhos de história na mostra pedagógica cultural da escola

Expomos todos os trabalhos num belo museu. Na entrada mostramos a influência da cultura africana, com cartazes produzidos pelos alunos. Um grande mapa mundi destacando o Brasil e o continente africano, também desenhado e colorido por alunos. Foi exposto um grande caça-palavras com palavras afro-brasileiras, como forma de interação com as pessoas que participaram do evento.

Os alunos desenharam uma porta antiga para o museu e uma placa com o nome: "Nossas Historias e Memórias". No interior da sala organizamos os objetos recolhidos entre os alunos e os professores. Montamos uma cozinha caipira com panelas de ferro, moedor de carne e de café, pilão de madeira; um escritório antigo (as antigas máquinas de escrever chamaram bastante a curiosidade dos alunos em que eles as chamavam de "o computador antigo"); um espaço do trabalho artesanal (a roda de fiar) um painel com a história do dinheiro no Brasil, conforme as imagens a seguir.

Figura 5 - fotos da entrada do museu.



Fonte: do próprio autor.

Figura 6 - fotos do museu.



Fonte: do próprio autor.

Separamos um espaço só de fotografias, dos familiares dos alunos e dos professores quando crianças. O que chamou muito atenção porque sempre que um professor trazia uma fotografia havia uma discussão sobre o passado, regatando as lembranças daquele período, sem contar a interação com os alunos. Também houve a exposição de fotografias dos lugares mais antigos do nosso estado e da nossa cidade e os relatos dos alunos registrando a viagem à Cidade de Goiás.

Figura 7 - painel de fotos e relatórios: visita à Goiás.



Fonte: do próprio autor.

Figura 8 - foto do museu: alunos interagindo com os monóculos fotos.



Fonte: do próprio autor.

c) Desfile de moda/ Peça teatral-Empoderamento da beleza negra

Ao pensarmos uma apresentação de um desfile para valorizar a beleza negra, nos deparamos ainda com a dificuldade das alunas em relação a sua autoestima e em desfilarem deixando seus cachos e cabelos crespos à mostra. Nosso objetivo com essa atividade foi o de confrontar os padrões estéticos da sociedade onde prevalecem ideologias e estereótipos racistas.

Depois de mostrar vídeos e tutoriais de como aceitar e de como usar o cabelo crespo, elas continuaram resistindo, dizendo que só as artistas ficam bonitas com cabelo assim. Nesse processo todo, lendo e assistindo depoimentos na internet e revendo a história de vida da própria professora, pensamos nos conflitos vividos na infância e adolescência de cada um e como esses aspectos influenciam na construção da nossa identidade.

O desfile teve três atos. O primeiro demonstrava a beleza padronizada com todos os atores de cabelos alisados e ou presos e com roupas iguais (calça jeans e blusa branca). O segundo ato demonstra os conflitos vividos para romper com esses padrões. As meninas de cabelos cacheados e crespos entram, mas, por sofrerem um bullying no decorrer do desfile, ficam desconcertadas e frustradas, desistindo de completar o desfile.

Elas são abordadas por um comerciante que reforça a ideia de que seus cabelos são ruins e rebeldes e por isso terão que usar relaxamento e amaciamento no cabelo. As meninas tentam usar, mas percebem que estão só estragando o cabelo e o resultado não as agrada. Elas começam a ver a beleza natural umas das outras e a questionar por que o cabelo crespo é considerado ruim, rebelde, bravo, desajeitado. Por que tem que seguir um padrão de beleza? Então elas conseguem se libertar. Por fim o terceiro ato mostra a variedade de estilos de moda. Cada estilo foi valorizado e muitas meninas desfilaram com seus cabelos crespos e carregando cartazes com frases de protesto, tipo “meu cabelo não é ruim, ruim é o preconceito das pessoas”.

Figura 9 - foto do desfile.



Fonte: do próprio autor.

Figura 10 - foto da peça teatral.



Fonte: do próprio autor.

O que se notou depois da atividade foi uma maior aceitação das meninas em assumir as suas madeixas, isto é, seus cabelos encaracolados ou crespos sem tanta rejeição. O mais importante dessa atividade foi entender que o cabelo faz parte da identidade de um povo. Um povo que muito contribuiu na formação da cultura brasileira e que a maioria das pessoas carrega características indiscutíveis de uma herança negra que precisa ser valorizada e reconhecida sem tantos preconceitos.

Conclusão.

Pierre (NORA, 1993, p. 7) utiliza bem a expressão de aceleração da história para explicar a morte da memória como "[...] uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida - uma ruptura do equilíbrio". Assim, apesar da efemeridade dos nossos tempos em que o passado se perde muito rápido e que os lugares de memória são os intervalos entre a história e a memória, somos obrigados a pensar sobre o que éramos e

o que somos. Isso significa o resgate da nossa identidade nessa relação presente e passado.

Foi esse o resultado mais significativo desses trabalhos ao ver os nossos alunos que vivem nesse mundo efêmero e dinâmico movido por tecnologias, se maravilharem com esses lugares de memória e seu patrimônio cultural material e imaterial, seja na visita à cidade histórica, na participação da Mostra cultural com a construção do museu no espaço escolar, ou no resgate da cultura afro-brasileira. Que apesar do fim de uma tradição da memória, são através desses lugares de memória que os "momentos de história arrancados do movimento de história, [...] lhe são devolvidos". (NORA, 1993, p.13) . Dessa forma, saberes são construídos e a aprendizagem passa a ter sentido ao se tornar significativa para os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. *Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas* / Cristina Aparecida Reis Figueira, Lilian de Cássia Miranda Gioia. - São Paulo: Edições SM, 2012. - (Somos mestres);

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

História e Cultura Afro-brasileira. SBJ produções. vol 2. 2007.

NORA, Pierre. *Entre memórias e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, Ed. da PUC, nº 10, pg. 7-28, dez. 1993.